

Dossiê: Território, desejo e erotismo: cenas da vida sexual e libidinal no contexto brasileiro

O desconforto de ser não monogâmico: como é habitar fora da norma

Mariana de Lima Fernandes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

marylf14@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1834-3103>

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir como as pessoas não monogâmicas, ao fazerem a transição para esse modo de se relacionar, acabam saindo da norma que é a monogamia e, por isso, passaram a lidar com o desconforto. Propõe-se, então, olhar para parte das trajetórias afetivo-sexuais de duas pessoas – um homem e uma mulher – que passaram por esse processo a fim de observar como cada um deles lidou com essa e outras emoções no decorrer do tempo. Esses dados foram obtidos através da realização de entrevistas semiestruturadas e, para a análise do discurso emocional apresentado por eles, adotou-se a perspectiva teórico-metodológica proposta por Sarah Ahmed (2014). Apesar das diferenças de gênero existente entre eles, ambos compartilham vários aspectos da vivência da não monogamia, especialmente não experimentarem o conforto nem quando habitavam a norma.

Palavras-chave: Antropologia das emoções; Gênero; Heterossexualidade; Não monogamia; Desconforto.

The discomfort of being non-monogamous: how is to inhabit outside the norm

ABSTRACT

This work aims to discuss how non-monogamous people, when making the transition to this way of relating, end up leaving the norm that is monogamy and, therefore, start to deal with discomfort. It is proposed, then, to look at part of the affective-sexual trajectories of two people – a man and a woman – who went through this process in order to observe how each of them dealt with this and other emotions over time. These data were obtained through semi-structured interviews and, to analyse the emotional discourse presented by the them, the theoretical-methodological perspective proposed by Sara Ahmed (2014) was adopted. Despite the gender differences between them, both of the interlocutors share several aspects of the experience of non-monogamy, especially not experiencing comfort even when living within the norm.

Keywords: Anthropology of emotions; Gender; Heterosexuality; Non-monogamy; Discomfort.

La incomodidad de ser no monógamo: cómo es vivir fuera de la norma

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir cómo las personas no monógamas, al transitar hacia este tipo de relación, terminan abandonando la norma de la monogamia y, como resultado, comienzan a lidiar con la incomodidad. Por lo tanto, proponemos examinar las trayectorias afectivo-sexuales de dos personas —un hombre y una mujer— que pasaron por este proceso, con el fin de observar cómo cada uno de ellos lidió con esta y otras emociones a lo largo del tiempo. Estos datos se obtuvieron a través de entrevistas semiestructuradas, y para analizar el discurso emocional presentado por los individuos, se adoptaron dos perspectivas teóricas y metodológicas: la primera propuesta por Lila Abu-Lughod y Catherine Lutz (1990) y la segunda propuesta por Sarah Ahmed (2014). A pesar de las diferencias de género entre ellos, ambos comparten varios aspectos de la experiencia de la no monogamia, especialmente el no experimentar comodidad incluso cuando habitaban la norma.

Palabras clave: Antropología de las emociones; Género; Heterosexualidad; No monogamia; Incomodidad.

Introdução

Tanto nas redes sociais quanto nas conversas entre amigos e colegas, quando se começa a discutir relacionamentos amorosos, é comum que, eventualmente, alguém mencione a “não monogamia”¹, seja para defendê-la, seja para depreciá-la. Isso é resultado dessa forma de se relacionar, nos últimos anos, ter se popularizado intensamente. Ela até mesmo se tornou objeto principal de diferentes pesquisas acadêmicas e, quando se trata daquelas que exploram especificamente esse termo mais amplo, destacam-se os trabalhos de Dardo Bornia Jr. (2018) e de Rhuann Fernandes (2022).

Anteriormente, indica Antonio Pilão (2022), a arena política sobre a não monogamia no Brasil estava centralmente vinculada às relações livres e ao poliamor, sendo ambos defensores públicos do combate à monogamia compulsória, tendo militâncias organizadas em torno desse objetivo. Porém, em virtude da disputa em relação à hegemonia e controle do movimento não monogâmico, a distinção entre essas nomenclaturas perdeu força e, no plano das identidades individuais, cresceu o uso da categoria comum “não monogamia”. Ela, de acordo com o autor, é caracterizada por práticas mais contingentes, sendo a única certeza daqueles que assim se identificam não serem pessoas “monogâmicas”. Essa perspectiva é aquela adotada pelos interlocutores com quem estabeleci contato.

No decorrer da minha pesquisa de mestrado, eu entrevistei dez pessoas – cinco homens e cinco mulheres – que se denominam não monogâmicas a fim de observar que emoções eram mobilizadas por elas na narração do processo de transição da monogamia para a não monogamia. Também tive em vista apreender o que as motivou a realizar tal modificação e como justificavam mantê-la. Levando em consideração tais objetivos, optei pela realização de entrevistas semiestruturadas em profundidade. Com a exceção dos dois primeiros interlocutores², todos os outros foram entrevistados em apenas uma ocasião, sendo tais encontros duraram entre cinco e setenta minutos.

¹ Opto aqui pela grafia não hifenizada do termo tendo em vista o novo acordo ortográfico da língua portuguesa. Como aponta Sérgio Nogueira (2011), o hífen não é mais utilizado após o uso do “não” na qualidade de advérbio de negação ou na qualidade de prefixo. Atribuo a maioria das publicações utilizar o termo na sua forma hifenizada a uma tradução literal da palavra “non-monogamy” e às pessoas não monogâmicas que dialogam com os pesquisadores utilizarem, em geral, essa grafia.

² Os dois primeiros interlocutores foram entrevistados duas vezes por causa da alteração feita ao roteiro da entrevista. No segundo encontro com eles, foram apenas exploradas as questões adicionadas ao roteiro existente.

O principal critério para a escolha dos entrevistados foi não pertencer a nenhum tipo de grupo ou coletivo organizado em torno da não monogamia. Em suas pesquisas, Pilão (2012), Bornia Jr. (2018) e Fernandes (2022) investigaram, em grande parte, coletividades – presenciais ou online – que tinham em vista não só debater a vivência não monogâmica – num sentido amplo –, mas também promovê-la. Ao trabalharem com contextos desse tipo, os três autores acabaram explorando as dinâmicas que surgiam com o estabelecimento e a continuidade de um grupo – como, por exemplo, a instauração de moralidades que orientavam os comportamentos dos indivíduos e as dissidências que delas surgiam – assim como as estratégias adotadas por seus constituintes para difundir o modo como se relacionam.

Eu não desejava explorar, no meu trabalho, questões desse tipo, mas apenas focar em como os indivíduos que tinham deixado de viver a monogamia refletiam sobre as próprias trajetórias e emoções. Tendo em vista alcançar esse objetivo, decidi entrevistar indivíduos não monogâmicos que não estivessem organizados em qualquer tipo de associação em torno da não monogamia. Além disso, ao optar por esse perfil, pude congregar, mesmo em uma amostra pequena, heterogêneas perspectivas e vivências acerca do se tornar não monogâmico e do viver a não monogamia. Eu imaginava que, caso eu tivesse elegido entrevistar integrantes de uma mesma organização acabaria reunindo uma menor diversidade de relatos.

Ainda que várias questões tenham surgido no decorrer das entrevistas realizadas, neste artigo focarei nas emoções que dois dos interlocutores – Artur e Andréia³ – mobilizaram no decorrer da rememoração das suas trajetórias afetivo-sexuais, olhando com especial atenção para como cada um deles lidou e ainda lida com a emoção do desconforto. A conjunção desses atores se deu por ambos compartilharem várias características pessoais – os dois são pessoas negras e bissexuais de idades próximas que, no momento das entrevistas, estavam nos períodos finais da graduação – e por ambos discorrem extensamente sobre não só sobre a vivência da monogamia, mas também sobre a vivência da heterossexualidade.

Se tornando não monogâmico e vivendo a não monogamia

³ Esses e todos os outros nomes citados são fictícios.

Artur⁴ diz que, quando começou a se relacionar afetivo-sexualmente com outras pessoas, agia da seguinte forma: se estava ficando com alguém, além de ficar somente com essa pessoa, sentia que tinha que demonstrar para ela que sentia ciúmes de modo a estabelecer certa dominância. Então, por exemplo, quando falava para a pessoa com quem estava ficando, “Não, tá ficando comigo, tá ficando só comigo!”, ele tinha em vista indicar que não daria nenhum tipo de abertura para que outros tentassem ficar com ela. Ele destaca que fazia isso mesmo quando a relação que ele e essa pessoa tivessem não pudesse ser descrita como um namoro, isto é, como uma relação estabelecida a partir de um compromisso mútuo.

Esse modo de agir é descrito por ele como “heteronormativo”. Entendo que essa atribuição decorre de, em relações heterossexuais ser papel do homem, em geral, espantar as possíveis “ameaças” à relação, isto é, pessoas que possam querer se envolver com a mulher com quem ele se relaciona. Nos roteiros heterossexuais do se relacionar afetivo-sexualmente existe a possibilidade de se envolver casualmente – ou seja, ficar – com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, mas essa não é a regra. É mais comum que, caso alguém esteja continuamente ficando com uma determinada pessoa, que mantenha apenas esse vínculo, especialmente se tiver a expectativa de estabelecer um namoro.

Os roteiros sexuais, indica John Gagnon (2006), não são reflexos diretos de situações concretas, mas sim versões simbólicas do mundo que são relativamente incompletas. Como eles não explicitam a ordem dos fatos nem a forma como eles devem ocorrer, muitos dos seus subcomponentes podem ser praticados pelos atores individuais sem que esses reparem estar os executando – essa capacidade de modificação dos scripts é, para o autor, a grande vantagem deles em relação ao comportamento realmente realizado. Os scripts, porém, não são ilimitadamente manipuláveis, pois advêm de circunstâncias histórico-culturais específicas. Os roteiros, então,

fornecem o nome dos atores, descrevem suas qualidades, indicam os motivos do comportamento dos participantes e estabelecem a seqüência de atividades apropriadas, verbais e não-verbais, que devem ocorrer para que o comportamento se conclua com êxito e para permitir a transição para novas atividades (Gagnon, 2006, p. 114).

Quando Artur deu início ao seu primeiro namoro – o que aconteceu quando ele tinha dezoito anos –, ele continuou a enfaticamente demonstrar ter ciúmes da pessoa com

⁴ Homem negro e bissexual de 25 anos que está cursando a graduação.

quem se relacionava, só que, nesse novo contexto, também buscou impor a ela restrições. O entrevistado descreve o próprio comportamento como “tóxico”:

Assim, eu acho que era tóxico porque era um ciúme meio chato, mas nada de tipo assim, pô, *stalking*, mexer no telefone... Nada, nada criminoso, entendeu? [riso] Era bem limitado a ser chato mesmo. Era, tipo assim, ah, “Não quero você falando com fulano”. Ah, “Você tem essa amizade com esse cara há dez anos?! Não me importo! Não quero você tendo amizade com ele”. Óbvio que não funcionava! (Artur, 25 anos).

Hoje olhando para a forma como demonstrava ter ciúmes, Artur entende que, na verdade, não estava sendo completamente genuíno. Ainda que reconheça ter experimentado, em diversos momentos, esse sentimento, quando buscava expressá-lo, ele acabando sendo “performático”, isto é, demonstrava algo que ia além daquilo que realmente estava sentindo. Exemplo disso, segundo ele, foi a sua insistência para que a namorada cortasse laços com um determinado amigo. A motivação para essa demanda não era algo que o interlocutor acreditava ser de alguma forma razoável, mas sim ter criado, sozinho, uma rixa com essa pessoa.

Por ter sido, durante muito tempo, uma pessoa bastante tímida e insegura, Artur diz que só foi “beijar na boca” pela primeira vez quando já tinha quase dezoito anos. Quando, posteriormente, estabelece um relacionamento que pôde chamar de namoro, sentiu que precisava mantê-lo e protegê-lo a todo custo e o meio que encontrou para fazer isso foi demonstrar “performaticamente” sentir ciúmes.

Nesse seu primeiro namoro, Artur também começou a experimentar sentimentos e vontades que, naquele ponto, eram completamente inesperadas para ele:

Eu gostava muito dela [da primeira namorada]. Muito, muito, muito, muito, muito. Mas ao mesmo tempo que eu gostava muito dela, eu traí muito ela. [riso] entendeu? E aí, enfim, depois que... Que ela descobriu e deu um merdelê que deu, né? Eu ficava, eu ficava muito confuso sentindo, assim, porque eu ficava pensando, falei, “Porra! Cara, eu sempre entendi, eu sempre comprehendi, sempre me foi ensinado que, se eu tô ficando com uma pessoa, se eu estou namorando com uma pessoa e se eu amo aquela pessoa, todas as outras ao meu redor, eu perco o interesse, né?”. E aí, eu vi que eu gostava muito dela, mas eu não perdi interesse em ninguém! Absolutamente ninguém! Absolutamente ninguém! (Artur, 25 anos)

O interlocutor se interessar por outras pessoas enquanto continuava amando a namorada contrariava aquilo que aprendeu acerca da vivência do amor romântico no decorrer do seu processo de socialização. Mesmo após o fim dessa relação, ele continuou confuso por ter conseguido sentir algo que acreditava não ser possível.

Pouco mais de um ano após o fim desse seu primeiro relacionamento, Artur iniciou aquele que se tornou o seu segundo namoro e, nele, a mesma conjuntura se instalou: ainda que amasse a nova namorada, continuou se interessando por outras pessoas e continuou se envolvendo com elas, traindo a parceira. Ele descreve a culpa que sentia por fazer isso, assim como a confusão que experimentava por continuar não vivenciando aquilo que entendia ser o correto, isto é, amar e, portanto, se interessar por apenas uma pessoa por vez:

E, basicamente... A mesma coisa. Eu traí muito minha ex-namorada, minha segunda ex-namorada. Mas... E sempre ficava com aquela culpa de “Puta! Tô fazendo uma parada errada...”, que é óbvio que era errado. Não tô querendo dizer que não era, né? [tom risonho]. Mas, ao mesmo tempo, eu ficava, “Porra! Mas eu tô sentindo atração por essas outras pessoas! Eu tô gostando dessas outras pessoas, sabe? Mas eu amo ela?”. Então, eu vi, era uma parada muito contraditória! Viver pensando que alguma coisa estava errada, porque eu tava amando uma pessoa e, ao mesmo tempo, conseguia gostar de outras, me sentir atraído por outras. (Artur, 25 anos)

A confusão e a culpa, porém, não continuaram sendo experimentadas pelo entrevistado por muito tempo. Perto do final dessa relação, Artur compreendeu que, na verdade, não era errado amar romanticamente mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Ele conclui, a partir dessa constatação, que se relacionar sexualmente e, principalmente, afetivamente com duas ou mais pessoas concomitantemente era algo realmente concebível. O interlocutor, então, passou a considerar, pela primeira vez, ser uma pessoa não monogâmica.

Ele tinha sido introduzido, entre o fim do seu primeiro relacionamento e o começo da sua segunda relação, ao conceito de não monogamia. Contudo, como essa apresentação aconteceu através de piadas, num tom que o entrevistado entende ser, hoje, pejorativo, ele não refletiu seriamente sobre adotar essa forma de se relacionar. Abordarem a não monogamia nesses termos é, atualmente, algo ainda comum, segundo o interlocutor.

O entrevistado passou a se relacionar não monogamicamente apenas quando os seus entendimentos em torno do amor e das relações em geral – não só daquelas

românticas/sexuais – se modificaram, afastando-se daquilo que aprendeu no transcorrer da sua formação. Essa mudança de perspectiva foi consequência dele ter procurado se “desconstruir”, isto é, de ter ido atrás de combater os discursos e valores amplamente difundidos na sociedade que considerava negativos. Devido à abrangência desses constructos, “eliminá-los” é uma difícil tarefa, afirma Artur. Apesar disso, em pouco tempo, ele conseguiu realizá-la:

Foi nesse meio tempo, assim, entre uma relação e outra, que essa segunda relação e as relações que eu tenho hoje, que eu consegui me compreender, de fato, uma pessoa não monogâmica e tirar essa culpa cristã do meu horizonte de possibilidades, dessa coisa do “Ah, não posso... Não posso amar duas pessoas porque é um problema, é uma parada, um lance... Errado! Eu estou errado, essencialmente errado”, sabe? Tirei isso do meu horizonte e é isso. Foi uma coisa que demorou! Porque a gente é construído pra pensar de uma forma, né? Então, pra gente desconstruir esse pensamento, demora um tempo também! Eu consegui fazer, acredito até, que em um tempo relativamente rápido! (Artur, 25 anos)

Outras pessoas não monogâmicas, em outros contextos, também destacam a importância da desconstrução para se viver a não monogamia. Fernandes (2022), na sua pesquisa sobre o *Afrodengo – Amores Livres*, “o maior grupo de não-monogâmicos negros do Brasil”, destacou como os seus colaboradores enfatizam a necessidade de “descolonizarem os afetos”, isto é, de promoverem “uma ética amorosa capaz de problematizar e desmistificar, em nossos dias, “a fantasia romântica” que reproduz articulações afetivas excludentes entre os próprios negros” (Fernandes, 2022, p. 143). Tal fantasia, afirmam eles, só está disponível para o corpo perfeito, “branco, sem deficiência, magro e cishétero, tratado como preferencial nas representações dos romances e nos finais felizes” (Fernandes, 2022, pp. 142-143).

Essa “descolonização” não deve se limitar aos afetos, mas abarcar também a sexualidade. Por causa da formação monogâmica e cristã que receberam, os interlocutores de Fernandes (2022) sempre moralizaram as próprias fantasias e desejos, mesmo quando advinham de famílias não praticantes do cristianismo. Uma vez não monogâmicos, deixem abandonar, argumentam, a moral judaico-cristão que atua “sobre suas mentalidades mediante o regime de crenças instituídos em nosso país” (Fernandes, 2022, p. 131).

No último trecho destacado da entrevista de Artur, o entrevistado destacou como a desconstrução envolveu “tirar essa culpa cristã” do seu “horizonte de possibilidades”.

Como o entrevistado foi “formatado”, desde muito jovem, no cristianismo – aos catorzes anos, quase se tornou pastor da Igreja Universal –, desenraizar essa perspectiva foi um grande desafio, mas fazer isso possibilitou que pudesse viver a não monogamia.

Essa associação entre monogamia e cristianismo é profundamente explorada por Geni Núñez (2023) ao analisar a “monocultura dos afetos” instituída por aqueles que colonizaram o atual território brasileiro. De acordo com a autora, a imposição da monogamia “fazia parte de todo um projeto civilizatório que buscava incutir a moral cristã como a única possível” (Núñez, 2023, p. 27). Na perspectiva dos missionários que chegaram a partir de 1500, as não monogamias indígenas precisavam ser erradicadas para que essas populações pudessem ser batizadas. Somente com a realização do batismo que o objetivo da obra missionária – catequizar e evangelizar todos os povos do mundo – poderia ser alcançado. A ideologia monoteísta do cristianismo, afirma Núñez (2023), fazia com que os jesuítas compreendessem que apenas própria referência de deus era verdadeira e justa.

Além de relacionar a monogamia ao cristianismo, a escritora indígena Guarani ainda relaciona a monogamia à heterossexualidade. As mulheres heterossexuais e bissexuais, indica Núñez (2023), não prestam serviços de limpeza, feitura de alimentos e afins a quaisquer homens indiferenciadamente – esse benefício é apenas usufruído por aqueles com quem mantém vínculos de “amor colonial”. Dessa forma, para a autora, o casamento monogâmico assina uma expectativa de dedicação exclusiva das mulheres aos seus maridos.

Artur reconhece a existência dessas associações, mas não utiliza nenhuma delas para justificar ter deixado de se relacionar monogamicamente. Para ele, a motivação para realizar a transição para a não monogamia foi bem mais pessoal:

Primeiro, porque... Eu não vou nem entrar no mérito da ciência mesmo, sabe?! [tom risonho] Ah, o patriarcado, ah... Não vou nem entrar nesse mérito não! Vou falar **muito** pessoalmente mesmo. É isso! Eu consigo, eu não consigo me entender como uma pessoa que... A monogamia, pra mim, me limita! A experiência material dos encontros da vida em sociedade. Pra mim, ela é muito limitadora, sabe? E, de certa forma, essa limitação me frustra muito. Então não faz sentido pra mim ter uma... Ter uma relação monogâmica. Por isso que, hoje, eu me entendo como não monogâmico porque abre os horizontes de possibilidades mesmo, sabe? De poder viver a vida numa certa plenitude, porque, se eu tenho a possibilidade de amar outras pessoas, eu tenho possibilidade de viver várias experiências. O amor, ele não é o objetivo. Ele é uma possibilidade que permite que eu simplesmente consiga viver a vida através

de várias perspectivas, entendeu? E a não monogamia, pra mim, me contempla muito nesse sentido! [ênfase do entrevistado durante a fala] (Artur, 25 anos).

Nesse trecho, destaca-se como Artur descreve a monogamia como algo que, por existir, limita as suas possibilidades de estabelecer e manter vínculos. Andréia⁵, outra interlocutora, apresenta um entendimento semelhante ao dele quando diz que, enquanto se relacionava monogamicamente, pensava não existir outro modo de se envolver com as pessoas por quem se interessava. Nessa época, ela tinha o entendimento de que o seu comportamento deveria se modificar de acordo com o seu status de relacionamento: “Você é **uma** quando tá solteira e depois você é outra quando você tá namorando, sabe?” [ênfase da entrevistada durante a fala].

Desse modo, quando estava solteira, Andréia podia ser ela mesma e agir como achava melhor, sendo “expansiva” aonde quer que fosse e dançando livremente, com quem quisesse. Porém, assim que iniciasse um relacionamento amoroso, precisava se tornar uma pessoa bem mais contida de forma a não deixar o seu parceiro desconfortável. Ela, então, dançava menos do que antes, diminuía o seu consumo de álcool, deixava de sair com os próprios amigos e evitava ficar próxima daqueles que eram homens. A entrevistada, dessa forma, assumia aquilo que denomina como o “papel da mulher casada”:

[Eu era] muito mais... ontida pra evitar gerar situações, como se a responsabilidade de qualquer coisa que desse errado no relacionamento seria por culpa minha ou por alguma coisa que eu fiz, então eu tinha que, eu me colocava nesse lugar de... Mulher casada, sabe? E aí eu entrava dentro desse padrãozinho, era toda... Certinha, não fazia nada que fosse envergonhar o meu parceiro, gerar qualquer situação, então ele ficava muito confortável na posição que ele tava, porque eu não fazia nada, sabe? (Andréia, 24 anos)

Se Artur aborda o papel do homem em um relacionamento heterossexual – ser aquele que está vigilante em relação a “ameaças”, pronto a espantá-las antes de se tornem um problema –, Andréia aborda o papel da mulher nessa configuração – aquela que zela pela relação, que não dá espaço para que “ameaças” nem ao menos possam se estabelecer. As mulheres em relacionamentos heterossexuais, aponta Maria Luiza Heilborn (1993), são aquelas que “cuidam mais da relação”, se tornando “uma espécie de guardiãs da vida a dois” (Heilborn, 1993, p. 74).

⁵ Mulher negra e bissexual de 25 anos que está cursando a graduação.

Andréia também pensava que, com o início de um namoro, ela e o parceiro se tornavam “um só”, ou seja, com o firmamento de um compromisso, os agora namorados precisam fazer tudo o que fosse possível conjuntamente. A pessoa com quem ela se relacionava, por outro lado, não tinha essa mesma perspectiva e, às vezes, saia sozinha para encontrar os próprios amigos. Quando isso acontecia, a entrevistada, além de ficar perdida em relação ao que fazer – pois não planejava nada que não envolvesse o parceiro –, sentia-se excluída por ele não a convidar para acompanhá-lo. Ver o seu companheiro “preferir” fazer algo com outras pessoas no lugar de fazer algo junto com ela fazia com que a interlocutora ficasse enciumada.

Sentir ciúme de outras mulheres, por outro lado, não era uma questão que “pegava tanto” a entrevistada e, por isso, ela sempre se descreveu como uma “pessoa muito tranquila” em relação a experimentar esse sentimento. Apesar disso, Andréia indica que, nessa época, precisava estar sempre atenta às ações daquele que era o seu parceiro: “Aquela coisa que a mulher tem que ficar sempre, sabe? Desconfiando do homem porque o homem trai, o homem faz isso ou aquilo e você tem que tá sempre vigilante o tempo inteiro”.

A interlocutora diz ter vivido dois relacionamentos “totalmente monogâmicos” e, em cada um deles, se colocou nesse “papel da mulher casada”, alterando o próprio comportamento a fim de não gerar nenhum tipo de incômodo àquele que era o seu companheiro. Contudo, após o fim do seu segundo namoro, Andréia começou a se incomodar por, em ambas as relações, ter agido dessa forma. Ela decide, então, proceder diferentemente na próxima relação que firmasse.

No seu terceiro relacionamento, Andréia e o companheiro buscaram “preservar as suas individualidades” mesmo estando juntos, isto é, tentaram não se tornar “um só”. Como os dois não estabeleceram nenhum compromisso de exclusividade mútua, a entrevista indica que a relação que eles mantinham não era propriamente monogâmica. Apesar disso, nenhum deles mantinha outros envolvimentos. Ficar ou não com outras pessoas não era, segundo ela, um tópico relevante o suficiente para ser discutido.

No período entre 2017 e 2018, Andréia entrou em contato pela primeira vez com o termo “relacionamento aberto” e, depois de pesquisar um pouco sobre o ele, chegou à conclusão de que já vivia uma relação desse tipo, já que, segundo ela, não haveria problema algum caso o seu parceiro decidisse ficar com outra pessoa – isto é, contanto que ela não ficasse ciente disso. Para a entrevistada, o elo entre os dois era mais importante do que qualquer envolvimento casual que pudesse acontecer. Depois de conversar com ele sobre

essa ideia, eles decidem utilizar essa nomenclatura para descrever o modo como se eles relacionavam.

Num primeiro momento, a relação dos dois era priorizada sobre outros envolvimentos e, por causa disso, afirma Andréia, eles mantinham a “centralidade no casal”: “[O que] Cada um faz fora, fica fora e que não vai mexer nisso aqui que é a nossa entidade casal. Sempre a gente tentava preservar... Sabe?”. A “entidade casal” só começa a perder a sua preeminência anos depois, em 2021, quando eles deixaram de dividir a mesma residência.

Para a interlocutora, cada um ter a própria casa fez com que a relação deles se tornasse mais “aberta”, já que, nessa nova conjuntura, passaram a ter mais liberdade para fazerem o que desejaram, inclusive ficar com outras pessoas. Com isso, a “centralidade” do elo amoroso foi perdendo a sua importância. Para a entrevistada, foi a partir desse ponto que ela e o parceiro deixaram de viver um relacionamento aberto e passaram a se relacionar não monogamicamente – nesse momento, ela já tinha entrado em contato com o termo “não monogamia”.

Algo que se destaca ao longo de todo o relato de Andréia é que, desde que deixou de se relacionar monogamicamente, ela compartilhou de maneira bem restrita o fato de ter um relacionamento aberto e, depois, de viver a não monogamia. De acordo com a entrevistada, quando o seu relacionamento era aberto, ninguém ao seu redor vivia uma relação desse tipo, então quando ela compartilhava as questões que vivenciava, incluindo os problemas, acabava não sendo compreendida. Para os seus amigos, mesmo aqueles com uma “cabeça mais aberta”, o modo como ela se relacionava era, em si, errado:

Aí eu não queria falar com a pessoa que eu tava me relacionando pra evitar esse tipo de coisa e, ao mesmo tempo, eu não conseguia falar com nenhuma outra pessoa, porque, por mais que eu tivesse amigos pra conversar, a cabeça monogâmica dos meus amigos achava que tudo aquilo já era errado! Então, quando eu vinha com algum problema, alguma situação que me incomodava, eu não conseguia, sabe? Ser entendida, porque, pras pessoas, tudo aquilo já tava errado! Então é óbvio que tá dando errado porque você é não monogâmica, sabe? E aí eu não conseguia trocar muito. Então acabava que eu ia sentindo as coisas, ia guardando, professando... E deixando rolar, porque eu não conseguia trocar. (Andréia, 24 anos)

A interlocutora também evitava conversar com o parceiro sobre as questões que a mobilizavam por recear o retorno de situações que não mais desejava mais vivenciar. No

começo do relacionamento deles, ainda que intencionasse agir diferentemente, Andréia continuou cumprindo o “papel da mulher casada”. Ela, então, deixava de fazer o que desejava para que o companheiro fosse “emocionalmente preservado”. Ele, porém, não agia da mesma forma e isso a deixava, em diversos momentos, enciumada:

Então eu sentia tudo o que eu sentia e aí ele falou isso pra mim, que eu não podia deixar de fazer as coisas que eu queria porque isso ia gerar algum sentimento nele, entendeu? Eu tinha que fazer as coisas que eu queria porque ele também fazia. Aí, então, eu comecei a fazer, então quando ele sente ciúme, ele não fala, porque acho que, se ele falar, eu vou ficar, sabe? Ai... E eu acho que eu realmente vou ficar assim, de evitar fazer pra não gerar esse sentimento (Andréia, 24 anos).

Então, desde que conversaram sobre isso, a seguinte dinâmica foi estabelecida entre a entrevistada e o seu companheiro: cada um deles age da forma como acha melhor e, caso sintam ciúmes de algo que o outro fez, não falam com ele sobre o assunto. Andréia entende que, ao agirem dessa forma, estão demonstrando se importar com o que foi discutido entre eles: “De você ficar fazendo alguma coisa que magoe o outro, mesmo quando o outro já falou que aquilo te magoa, sabe? Parece que você tá negligenciando aquilo. Acaba que a gente guarda um pro outro mesmo o sentimento.”.

A interlocutora, então, não conversava sobre questões relacionadas à vivência da não monogamia nem com seus amigos, nem com o seu companheiro. Além disso, no lugar no qual ela mora – que é onde foi criada –, Andréia teve e ainda tem em vista não deixar que aqueles que lá residem descubram que ela vive algo diferente de um relacionamento monogâmico. Se essa informação acerca da sua vida fosse divulgada, ela terminaria ficando mal falada na vizinhança:

E eu não ia ser não monogâmica, eu ia ser safada... Sabe? Piranha... Porque tem várias meninas que fazem isso lá, mas elas são... Isso. São julgadas, sabe? Moralmente, como safada, piranha... E aí acaba que você perde o respeito que as pessoas têm por você por causa do que você faz, da sua vida pessoal (Andréia, 24 anos).

Esse “julgamento” acerca da vida relacional é, segundo a entrevistada, apenas atribuído às mulheres, pois um homem que publicamente se relaciona com duas ou mais pessoas ao mesmo tempo não é percebido da mesma forma. Ela observa, em seu bairro,

que vários homens que assim agem não lidam com a propagação de opiniões negativas concernentes ao seu comportamento.

Andréia acredita que, mesmo que tentasse esclarecer aos seus vizinhos e familiares o porquê de ter decidido se relacionar não monogamicamente, acabaria não sendo bem recebida. Ela entende que as ideias relativas à não monogamia pareceriam muito radicais a essas pessoas que estão acostumadas “com as questões do dia a dia”: “Vai ser maluca, safada... Sabe? Eu não vou ter, não vou conseguir trocar, eu só vou ser julgada. Não vou ter nenhum tipo de conselho ou algum apoio ou conforto, nada. Só vou ser julgada.”.

A fim de evitar tensões e julgamentos, a entrevistada ficou bastante tempo sem falar com ninguém ao seu redor sobre as questões que surgiam em decorrência dela ter passado a se relacionar não monogamicamente. Sobre isso, ela faz o seguinte comentário: “Bem ou mal é como se eu tivesse sendo não monogâmica escondidinha, sabe?”. Depois de certo período assim vivendo, a interlocutora decide recorrer às redes sociais com o objetivo de encontrar publicações que abordassem de alguma forma aquilo vivia, mas encontra poucos relatos acerca do tema. A maioria deles, segundo ela, versava apenas sobre a vivência do relacionamento aberto – postagens que tratam especificamente da não monogamia começaram a surgir só recentemente, afirma a entrevistada.

A interlocutora fica desapontada com o resultado das suas buscas, mas, posteriormente, encontra nas redes sociais um espaço no qual pôde compartilhar mais livremente questões relacionadas à sua vivência não monogâmica e, por causa disso, essas se tornaram a sua “bolha”. Contudo, eventualmente, Andréia percebeu que, por causa das suas constantes afirmações nos meios digitais, aqueles que a acompanhavam foram construindo a percepção de que ela aceitaria tudo o que fosse feito a ela. Por se incomodar com isso, a entrevistada opta por parar de se reafirmar nesses espaços:

Antes eu fazia mais questão de me afirmar pras pessoas, pelo menos aqui nesse espaço ou nas redes sociais, que é onde eu tenho a minha bolha, eu fazia mais questão de me afirmar e postar coisas e falar sobre... Hoje em dia, nem tanto, porque, acho que de tanto eu ficar falando assim, as pessoas meio que me olham e veem “não monogâmica” e acham que podem fazer qualquer coisa comigo que eu vou aceitar de boa. Ah, eu sou não monogâmica, então pode fazer qualquer coisa, que eu tenho que aceitar de boa por causa disso, então hoje em dia eu não faço nem tanta questão de ficar... Postando, falando sobre, me reafirmando nos espaços assim, sabe? Mais abertos. Hoje em dia nem tanto. (Andréia, 24 anos)

Se isso aconteceu, é porque existe, de certa forma, uma imagem idealizada da pessoa que decide se denominar não monogâmica, a qual é, muitas vezes, também adotada por aqueles que vivem a não monogamia. Esse ideal é constituído pela ideia de que o indivíduo não monogâmico, por se envolver afetivo e/ou sexualmente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo e por seu(s) parceiro(s) também poder(em) fazer o mesmo, nunca vai lidar com ciúmes e nem vai se sentir inseguro em relação àquele(s) com quem se relaciona(m).

Em diferentes redes virtuais em torno do poliamor⁶, apontam Antonio Pilão e Mirian Goldenberg (2012), propagam-se ideais acerca da vivência dos relacionamentos afetivo-sexuais e, nesse sentido, é recorrente a preocupação com distinção entre os poliamoristas “verdadeiros” e os poliamoristas “falsos”. Os “verdadeiros” seriam aqueles que buscariam permanentemente combater uma espécie de “Eu” monogâmico residual, o qual sente ciúmes, compete por amores e buscar torná-los exclusivos. Os “falsos”, por outro lado, além de não terem tal comprometimento, agiriam da seguinte forma: se forem homens, procurariam sexo “fácil” e desejariam ser “poli” “apenas com a mulher dos outros”, e, se forem mulheres, se submeteriam aos desejos do parceiro.

No seu campo, Fernandes (2022) também observa como as redes sociais, além de constituírem espaços de acolhimento, também constituem espaços de normatização, exigindo de seus usuários determinadas gramáticas de expressão e exposição de si. Conforme afirma o autor, vários dos membros do *Afrodengo – Amores Livres* afirmavam, no grupo do Facebook, não reproduzir a hierarquia relacional em seus relacionamentos amorosos, só que, nas entrevistas, alguns deles confessaram ter um amor ou parceiro específico ocupando um papel central em suas vidas. Desse modo, apesar de defenderem a “quebra” da “centralidade do casal”, não conseguiam efetivá-la e, em consequência disso, “ficam se culpando e se cobrando, perguntando-se se são capazes de pôr em prática este arranjo” (Fernandes, 2022, p. 159).

Para Fernandes (2022), o discurso relativo à “centralidade” já era algo “pronto” para os seus colaboradores, uma forma de se colocarem como “verdadeiramente não monogâmicos”. Andréia, em sua rememoração, relata um caso no qual, por não corresponder ao ideal propagado em relação ao se relacionar não monogamicamente, questionou, ainda que momentaneamente, se era não monogâmica “de verdade”.

⁶ Os autores analisaram o site <http://Poliamorbrasil.org/>, o blog <http://Poliamores.blogspot.com/>, a comunidade

“Poliamor Brasil” na rede de relacionamentos Orkut e a Pratique Poliamor Brasil no Facebook.

Algum tempo após terem deixado de dividir a mesma residência, a entrevistada e o seu atual companheiro acabaram se separando. Ela, desse ponto em diante, se apoiou intensamente em uma amiga de quem já era próxima, conversando com ela sobre os seus sentimentos após a separação e, em determinado ponto, até mesmo chorou em seu “colo”. Só que, meses depois do término, inesperadamente, essa amiga fala sobre a possibilidade de ficar com o ex-parceiro de Andréia e faz avanços sobre ele quando pensava que essa não estava olhando, o que machucou profundamente a interlocutora.

A princípio, Andréia questionou se deveria se sentir dessa forma – “E aí eu ficava nessa de será que eu tenho que ficar tão mal? Ou eu não tô sendo não monogâmica o suficiente porque isso tá me incomodando... Sabe?” – e aqueles ao seu redor que se tornavam cientes do seu incômodo a interrogavam no mesmo sentido: “Ah, mas você não é não monogâmica?”. Posteriormente, porém, ela chega à conclusão de que, por essa amiga ter “faltado com o respeito” em relação a ela, atingindo-a no seu ponto mais fraco, era justificado o seu mal-estar com toda essa situação: “Não, vou me sentir mal sim. Tô no direito, não quero mais falar com essa pessoa.”. Ao constatar isso, a entrevistada decidiu romper os laços de amizade que tinha com essa pessoa.

Ter lidado com vários questionamentos relativos à forma como se sentiu nessa conjuntura constituiu outra motivação para a interlocutora ter deixado de compartilhar nas redes sociais ser não monogâmica. Ainda que abdicado desse ambiente, Andréia não deixou de ter um espaço no qual poderia falar abertamente sobre as próprias vivências. Nesse ponto, ela já tinha estabelecido, na universidade na qual estuda, outra “bolha”.

Em 2022, com a retomada das aulas presenciais, Andréia passou a conviver não só com os colegas que tinham entrado no ensino superior durante o ápice da pandemia de Covid-19 – e que, por causa disso, só tinham cursado remotamente as disciplinas –, mas também com aqueles que nesse ano haviam se matriculado na universidade. Ela se surpreende com como vários deles, que eram mais novos do que ela – com idades entre 18 e 19 anos –, já se entendiam como pessoas não monogâmicas. Ter entrado em contato com essas pessoas e ter estabelecido com elas laços de amizade possibilitou à entrevistada, pela primeira vez, ter com quem dividir, sem receios, as suas experiências vivendo a não monogamia.

A interlocutora, diante dessa novidade, criou várias expectativas acerca de como seria essa convivência com iguais. Inicialmente, ela imaginava que, sempre que enfrentasse alguma dificuldade no campo relacional, poderia recorrer a esses amigos e amigas, pois eles ofereceriam a ela soluções que resolveriam os seus problemas. Como eles eram

também pessoas não monogâmicas, já teriam vivenciado – acreditava a entrevistada – aquilo que ela, no momento, experimentava e, por isso, saberiam orientá-la sobre o caminho a se adotar. No entanto, conforme o convívio se estendia, Andréia foi percebendo que não é porque eles se relacionavam da mesma forma que teriam, invariavelmente, as mesmas experiências:

Não adianta eu querer chegar em alguém, contar uma situação e a pessoa vai, vai me dar a luz ali, a chave... Vai ter coisas que eu vou tá quebrando cabeça até hoje pra, pra entender, pra lidar, mesmo trocando com pessoas que sejam não monogâmicas também, porque tem coisas que vão ser específicas do que eu tô vivendo, sabe? (Andréia, 24 anos).

Perceber que “cada processo é muito único” fez com que a entrevistada passasse a avaliar diferentemente as trocas com esses amigos não monogâmicos. Hoje Andréia não mais espera que essas conversas ofereçam a “chave” para a resolução das suas questões, mas entende que é através delas que entrará em contato com diferentes perspectivas, as quais resultarão na construção de diferentes aprendizados.

Lidando com o desconforto

Tanto Artur quanto Andréia experimentaram, de maneiras diferentes, possuir a crença de que deveriam se sentir e agir de uma forma específica, a qual era vista por eles como a única correta. Artur indica isso ao mencionar que sempre ensinado a ele que, quando se amava alguém de verdade, num sentido romântico, não era mais possível se interessar por outras pessoas, nem sexualmente, nem afetivamente; Andréia indica isso ao falar que, uma vez que se tornava a namorada de alguém, precisava se adequar a esse papel modificando o próprio comportamento. Se os dois possuíam essas crenças, é porque nenhum outro modo se sentir e/ou de agir distinto daquele monogâmico foi oferecido a eles como alternativa a ser adotada.

A monogamia, então, pode ser encarada não somente como uma norma relacional, mas também como uma norma emocional, regulando como os indivíduos devem se relacionar e devem se sentir. Como pôde ser observado nos relatos dos dois entrevistados aqui destacados, a monogamia institui um roteiro – especificamente heteronormativo, cisnORMATIVO e mononORMATIVO – que orienta o estabelecimento e a manutenção de uma relação afetivo-sexual: se duas pessoas se apaixonam, elas devem estabelecer um

compromisso afetivo-sexual mútuo e, caso elas amem uma a outra de verdade, não mais conseguiram se interessar por alguém além daquele com quem se relacionam. Ao deixarem se ser solteiras, essas duas pessoas devem modificar os próprios comportamentos para que, assim, se adequem à mudança do seu status relacional. De acordo com o gênero de cada um deles, determinadas condutas deverão ser adotadas.

Se os entrevistados não apontam a origem desse roteiro, é porque ele é amplamente difundido através da sociedade e, por causa disso, naturalizado. Por ser extensivamente repetida, a monogamia, enquanto configuração relacional, pode ser classificada como uma estrutura social, já que, nos termos de Randall Collins (1981), esse conceito diz respeito ao “comportamento repetido das pessoas em lugares particulares, utilizando objetos físicos particulares e se comunicando através da utilização repetida das mesmas expressões simbólicas com outras determinadas pessoas” (Collins, 1981, p. 994, tradução minha). Para o autor, a parte mais identificável da estrutura social é a repetição física.

Sara Ahmed (2014) apresenta um entendimento semelhante àquele de Collins (1981) ao apontar que a cotidianidade da heterossexualidade compulsória “é também sua efetividade, envolvida como é pelos momentos de cerimônia (nascimento, casamento, morte) que conjugam famílias e pelo contínuo investimento na sentimentalidade da amizade e do romance” (Ahmed, 2014, p. 147, todas as traduções são minhas). Tal sentimentalidade é, segundo a autora, profundamente embebida tanto na cultura pública quanto na cultura privada.

Intencionando repensar o debate entre emoção, sensação corporal e cognição, Ahmed (2014) oferece uma perspectiva pouco convencional a respeito do estudo sobre os sentimentos: ao invés de perguntar “O que são emoções?”, a autora tem em vista interrogar “O que as emoções fazem?”. Ahmed (2014), então, busca fornecer não “uma teoria singular da emoção ou uma única abordagem do trabalho que as emoções fazem”, mas sim rastrear “como as emoções circulam entre corpos, examinando como elas ‘grudam’ tanto quanto como elas ‘se movem’” (Ahmed, 2014, p. 4). A teórica queer pretende, desse modo, abordar o corpo através do discurso, sem focar demais no aspecto cognitivo ao mesmo tempo em que procura não deixá-lo de lado.

Assim, para Ahmed (2014), a heterossexualidade é um constructo constituído não só por uma série de normas e ideias, mas também por emoções que moldam tanto corpos quanto mundos, funcionando “como uma forma de conforto público ao permitir corpos de se estender em espaços que já tomaram a sua forma” (Ahmed, 2014, p. 148). Assume-

se, por causa dela, que todos os arranjos de casais serão constituídos por uma mulher e por um homem.

A “heterossexualização” dos espaços públicos é, de acordo com a autora, naturalizada pela repetição de diferentes formas de conduta heterosexual, as quais passam despercebidas pelos sujeitos heterossexuais (Valentine, 1996, p. 149 *apud* Ahmed, 2014, p. 148). Sujeitos queer, por outro lado, acabam experimentando o desconforto ao perceberem que seus corpos acabam não “afundando” nos espaços já moldados para os corpos heterossexuais. Além disso, a fim de não deixarem os heterossexuais desconfortáveis, pessoas queer podem ainda ser “requisitadas” a evitar exibir, no espaço social, sinais de afeto, restringindo, dessa forma, o que podem fazer com os próprios corpos e com os corpos de outras pessoas. Sentir desconforto é o que faz com que esses indivíduos se tornem conscientes da norma.

Arlie Hochschild (2013) aponta que as tentativas de reduzir as dissonâncias entre aquilo se sente e aquilo que se deveria sentir oferecem pistas para a apreensão das regras de sentimentos. De acordo com a situação, indica a autora, pode-se sentir “demais” ou “de menos” – uma variação em grau –, sentir algo que não condiz com o contexto que se tem em vista – uma variação de direção – e/ou sentir algo por mais ou por menos tempo do que se é devido – uma variação de duração.

Como tais regras compartilham algumas propriedades formais com outros tipos de normas sociais – tais como etiqueta, comportamento corporal e interação social em geral –, elas acabam delineando uma zona na qual o sujeito tem permissão para estar livre de preocupação, culpa ou vergonha em relação ao sentimento situado, afirma Hochschild (2013). O que termina por diferenciá-las de outras espécies de regramentos é não se aplicarem à ação em si, mas àquilo que é muitas vezes tomado como precursor da ação. Devido a isso, elas são tanto resistentes à codificação formal quanto latentes, isto é, não se reflete sobre elas a não ser que se as investigue.

É possível observar, em diferentes momentos das falas dos entrevistados, como cada um deles lidou com as regras de sentimentos relativas à vivência de uma relação amorosa. Quando Artur começou a se interessar por outras pessoas enquanto ainda amava a namorada, ele toma consciência da norma que indicava que só era possível amar, no sentido afetivo-sexual, uma pessoa por vez. Ele, então, enquanto ainda se relacionava monogamicamente, começa a experimentar o desconforto de não estar habitando aquilo que é o “correto”, ou seja, a norma. Andréia, após o fim do seu segundo namoro, começou a se incomodar por ter adotado, em ambas as relações que vivenciou, o “papel da mulher

casada". Se, anteriormente, modificar a própria conduta para se adequar a ter se tornado parceira de alguém não era um problema, é porque, conforme acreditava a interlocutora, não havia alternativa. Compreender que era possível se portar de outra forma uma vez que começasse a namorar fez com que Andréia passasse a lidar com o desconforto.

Tendo essas questões em vista, é possível, então, pensar a monogamia de forma análoga a como Ahmed (2014) pensa o funcionamento da heterossexualidade: como um script que orienta não só o objeto que deve ser amado, mas também o *modo* como tal objeto *deve* ser amado. Com isso, institui-se uma série de normas e ideais que, a partir de certas emoções, moldam corpos e mundos, algo que pode ser observado até nas conversas mais casuais, mas também em momentos de cerimônia como o casamento.

A heterossexualidade, continua Ahmed (2014), se refere a mais do que a simples presunção de que o normal é ser heterossexual. Ela também estabelece uma regulação, a qual é apoiada por um ideal que associa a conduta sexual a outros tipos de conduta:

Podemos considerar, por exemplo, como a restrição do objeto de amor não é simplesmente sobre a desejabilidade de *qualquer* formação de casal heterossexual. O casal deve “combinar” (um julgamento que muitas vezes implica presunções convencionais de classe e raça sobre a importância da “correspondência” dos históricos dos parceiros) e eles devem excluir outros do reino da intimidade sexual (uma idealização da monogamia que muitas vezes equipara intimidade a direitos de propriedade ou direitos ao íntimo do outro a propriedade). Além disso, o relacionamento heterossexual apenas pode se aproximar do ideal quando sancionado pelo casamento, pela participação no ritual da reprodução e da boa parentalidade, pelo ser tanto um bom vizinho quanto um bom amante e um bom pai e pelo ser um cidadão ainda melhor. Desse modo, a cultura normativa envolve a diferenciação entre modos legítimos e ilegítimos de viver, sendo a preservação do que é legítimo (“a vida como a gente conhece”) presumida como algo necessário para o bem-estar da próxima geração. Heteronormatividade envolve a reprodução ou transmissão de cultura através de como alguém vive a própria vida em relação aos outros (Ahmed, 2017, p. 149, ênfase da autora).

Se os vizinhos e familiares de Andréia descobrissem que ela é não monogâmica, acabariam rotulando-a como “piranha” ou como “safada”, pois, para eles, uma mulher que se envolve com duas ou mais pessoas ao mesmo tempo só pode ser dessa maneira descrita. Eles, porém, classificam diferentemente homens que agem da mesma forma e,

por isso, parecem possuir um modelo genderizado⁷ de hierarquia da conduta sexual. Os pontos que parecem constituir a base da perspectiva deles em relação à vivência da sexualidade estão presentes no modelo “o círculo mágico *versus* os limites externos”, proposto por Gayle Rubin (2017). Esse paradigma é caracterizado pela autora da seguinte forma:

a sexualidade “boa”, “normal” e “natural” seria idealmente heterossexual, conjugal, monogâmica, reprodutiva e não comercial. Ela se daria entre casais, dentro da mesma geração e em casa. Ela não envolveria pornografia, objetos de fetiche, brinquedos sexuais de nenhum tipo ou quaisquer outros papéis que não fossem o masculino e o feminino. Qualquer forma de sexo que viole essas regras é “má”, “anormal” ou “não natural”. O sexo mau pode ser homossexual, o que acontece fora do casamento, promíscuo, não procriador ou comercial (Rubin, 2017, p. 85).

Como Andréia se relaciona de uma forma que está localizada nos limites externos do círculo mágico, ela acabou sendo negativamente julgada por muitos daqueles que se tornaram cientes desse fato. A fim de evitar lidar com reações desse tipo, a interlocutora escolhe, atualmente, não compartilhar mais tão abertamente ser não monogâmica e, em certos espaços, nem mesmo considera tornar essa informação sobre ela pública. Artur, por outro lado, não vive nenhum tipo de conflito relacionado à publicidade do fato de se relacionar não monogamicamente. Ainda que não compartilhe “de maneira ativa” essa informação sobre a sua vida – isto é, o entrevistado não inicia conversas em torno desse tema com outras pessoas –, ele não a esconde de ninguém ao seu redor. Existem, porém, lugares nos quais o interlocutor se sente mais confortável para falar sobre o assunto e existem espaços nos quais ele fica menos confortável para abordar a matéria.

Ainda que eventualmente acabe se “estressando” com algo que alguns deles fale, Artur diz não ter problemas em abordar a não monogamia quando está com os seus amigos ou a sua família. Na verdade, como destaca o entrevistado, alguns de seus familiares até mesmo brincam com o fato de ele ser não monogâmico, pois associam essa forma de se relacionar à infidelidade, praticada por vários deles:

⁷ Há, desse modo, diferentes valorizações segundo o gênero da pessoa que se tem em vista. Mesmo que ajam da mesma forma, homens e mulher são diferentemente classificados por aqueles ao seu redor e, em geral, adota-se uma interpretação maniqueísta dos seus comportamentos – enquanto a atitude dele é vista como positiva e a dela é vista como negativa ou vice-versa. Pode-se, ainda, naturalizar o comportamento de um e estranhar o comportamento do outro, mesmo que o proceder de ambos seja o mesmo.

Só que é engraçado que minha família... [riso] É muito doida, assim! Que minha família... **Inteirinha**, né? Todas as pessoas da minha família, seja por parte de mãe, seja parte de pai, são todas infieis! [riso] Sabe? Então meio que, quando eu cheguei pra eles falando assim, “Pô, sou não monogâmico!”. “Ah, o que que é isso?”. Falei, “É o que vocês fazem, só que todo mundo tá consciente! Ninguém tá se enganado”. “Ah, legal”. Então meio que todo mundo falou “Pô, show!” [risada] “Pô, legal!”, sabe? [dito em meio a risada] Rola, assim, um pouco desse diálogo. [ênfase do entrevistado durante a fala] (Artur, 25 anos).

Por causa da existência dessa certa cumplicidade, o espaço familiar é classificado por Artur como “seguro” para tratar da não monogamia. Existem, entretanto, lugares que não podem ser assim descritos, como, por exemplo, a casa de umbanda que frequenta.

Nesse local, aponta o interlocutor, todos estão cientes de que ele é tanto não monogâmico quanto bissexual. Apesar disso, Artur não fica “puxando” assunto sobre nenhum desses dois tópicos e nem tenta discorrer sobre eles quando surgem nas conversas. Como as pessoas que frequentam a sua casa são muito conservadoras, o entrevistado receia que, uma vez que esses temas sejam abordados, acabará escutando alguma “besteira” que o deixará “estressado”. O incômodo, para ele, advém não de escutar algo que o desgrade, mas sim de se irritar com aquilo que ouvir: “O desconforto tem a ver com não me estressar! Não com o medo de falar porque as pessoas vão me julgar, porque vão me julgar, foda-se!”. O julgamento em si, acredita ele, é algo do qual não pode escapar:

Normalmente eu falo que eu sou não monogâmico porque acontece o fenômeno incrível das pessoas monogâmicas de, de se colocarem como... Como o padrão, né? De, tipo assim, “Ah, eu tô certo e você é o esquisito, você é o diferente.” E aí quando surge a... O assunto relacionamento, aí sempre vem algum idiota falar, “Ah, não, não monogamia é coisa de maluco! Coisa de corno! É coisa de não sei o quê?”, pápápá. Aí eu me sinto... À vontade pra falar que eu sou não monogâmico e que essa pessoa tá falando merda! [ênfase do entrevistado durante a fala]

Dessa forma, tanto Artur quanto Andréia lidaram com julgamentos negativos – ainda que de formas diferentes – em decorrência de terem se tornado não monogâmicos, ou seja, como consequência de terem deixado de habitar a norma que é a monogamia. Ao falharem em habitar esse ideal, deixaram de ver como única possibilidade a configuração

monogâmica que foi apresentada a eles no decorrer do processo de socialização e, com isso, puderam construir outros modos de habitar o mundo.

Artur fala que, com a não monogamia, pôde deixar de se relacionar de maneira limitada com outras pessoas e passou, então, a ter diante de si diferentes possibilidades de estabelecer e manter laços, as quais, ao serem vivenciadas, permitiram a ele viver com maior plenitude. Andréia fala que, desde que se tornou não monogâmica, pôde preservar melhor a sua individualidade e pode construir a sua autoestima sem ter como base o valor que o outro – seu parceiro – dava a ela. Como viver não monogamicamente proporcionou a ambos os entrevistados um modo de estar no mundo que é mais condizente com as suas vontades e valores, os dois valorizam profundamente dessa forma poder se relacionar.

Considerações finais

Este trabalho buscou indicar como a monogamia funciona como uma estrutura social, fornecendo scripts que orientam o modo de se estabelecer e manter vínculos afetivo-sexuais. Através dos relatos de dois interlocutores com quem estabeleci contato ao longo da minha pesquisa de mestrado, busquei demonstrar como os não monogâmicos se sentem desconfortáveis tanto habitando a norma quanto estando fora dela. Se, apesar disso, optam pelo modo de vida não normativo é porque, nele, conseguem realizar as próprias vontades e manter os valores que consideram importantes.

Quando se relacionam monogamicamente, os dois interlocutores agiam, não da forma que desejavam ou apreciavam, mas seguindo aquilo que foi ensinado a eles como “correto”. Assim, caso gostassem de alguém e soubessem que esse afeto era mútuo, deveriam buscar firmar com essa pessoa um namoro; desse momento em diante, contanto que continuassem a gostar um do outro, não mais conseguiram se interessar por outras pessoas; e, a fim de manter essa relação, os constituintes do casal precisariam proteger, cada um a sua maneira, o elo que existente entre eles. Como a configuração-base desse modelo é heterossexual, as duas partes do casal têm papéis distintos e complementares: o homem espanta as pessoas que podem ameaçar a continuidade desse vínculo e a mulher se resguarda de modo a não atrair a atenção de alguém que possa prejudicar a manutenção do relacionamento.

Ao entrarem em contato com a não monogamia, ambos os entrevistados perceberam que não mais precisavam seguir o modelo que aprenderam no decorrer de suas formações – outros caminhos poderiam, dessa forma, ser trilhados. Artur, a partir de

então, deixa de se sentir errado por gostar de mais de uma pessoa por vez e passa a manter, concomitantemente, mais de um vínculo afetivo-sexual. Andréia, desse ponto em diante, deixa de perder a própria individualidade a fim de manter um relacionamento amoroso, passando, então, a se relacionar com quem quiser, da forma como achar melhor, sem se doar tanto quanto antes para poder ter alguém do seu lado. Eles, então, acabam retrabalhando os scripts que, até então, eram apresentados como obrigatórios.

Ainda que Artur e Andréia, desde que se tornaram não monogâmicos, tenham experimentado, em diversos momentos, situações desconfortáveis em decorrência de assim se relacionarem – por causa dos julgamentos negativos que receberam –, ambos os interlocutores encontram espaços nos quais essa emoção fica menos latente ou até desaparece – neles, eles são, em maior ou menor grau, compreendidos. Ao optarem por continuar habitando a não normatividade, eles terminam por retrabalhar, através de seus sentimentos, os scripts relativos ao se relacionar afetivo-sexualmente. Desse modo, relevam a capacidade micropolítica que, de acordo com Claudia Rezende e Maria Claudia Coelho (2010), as emoções possuem.

Referências

AHMED, Sara. *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh, Escócia: Edinburgh University Press, 2014.

BORNIA JR, Dardo Lorenzo. *Amar é verbo, não pronome possessivo*: etnografia das relações não monogâmicas no Sul do Brasil. 2018. 233f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

COLLINS, Randall. On the Microfoundations of Macrosociology. *American Journal of Sociology*, v. 86, n. 5, p. 984-1014, mar., 1981. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2778745>. Acesso em 26 mar. 2025.

FERNANDES, Rhuan. “O amor é?” *Negritude e relações não-monogâmicas*: as dimensões micropolíticas do afeto. 2022. 255f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

HEILBORN, Maria Luiza. Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada. *Revista Estudos Feministas*, [S. I.], v. 1, n. 1, 1993, pp. 50-81. DOI: 10.1590/010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15989>. Acesso em: 22 mar. 2025.

HOCHSCHILD, Arlie. Trabalho Emocional, Regras de Sentimento e Estrutura

Social. In: COELHO, Maria Claudia (org.). *Estudos sobre Interação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, pp. 169-209.

NOGUEIRA, Sérgio. Dúvidas dos leitores. *g1 - O portal de notícias da Globo*. 9 nov 2011. Dicas de Português, online. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/duvidas-dos-leitores-61.html>>. Acesso em 25 set 2025.

NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PILÃO, Antonio Cerdeira. Ativismo não-monogâmicos no Brasil contemporâneo: a controvérsia poliamor – relações livres. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 38, pp. 1-24, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2022.38.e22205.a>. Acesso em: 21 jan 2025.

PILÃO, Antonio Cerdeira. *Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero*. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PILÃO, Antonio Cerdeira; GOLDENBERG, Mirian. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 13, n. 1, pp. 61-73, 2012. Disponível em: <https://www.proquest.com/docview/2418939210?fromopenview=true&pq-origsite=gscholar&sourcetype=Scholarly%20Journals>. Acesso em: 29 set 2025.

REZENDE, Claudia. B. e COELHO, Maria Claudia. A micropolítica das emoções. In: REZENDE, Claudia. B. e COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2010. p. 75-96.

RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

Financiamento

Este trabalho teve como base a minha pesquisa de mestrado, a qual foi realizada com o apoio da bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Recebido em 02 de abril de 2025.

Aceito em 08 de setembro de 2025.